

Um dos destinos mais cobiçados do litoral sudeste, Ilhabela ostenta uma exuberante concentração de Mata Atlântica, mais de 400 cachoeiras catalogadas e uma geografia alucinante, incluindo incríveis picos à beira-mar e trilhas pra lá de interessantes, que levam a praias reservadas. Algumas delas completamente desertas guardam, além dos visuais, histórias e lendas fascinantes de piratas e naufrágios de séculos passados. E o melhor de tudo, a maior parte dessas paisagens são ainda exclusivas do público aventureiro

Texto e fotos André Dib

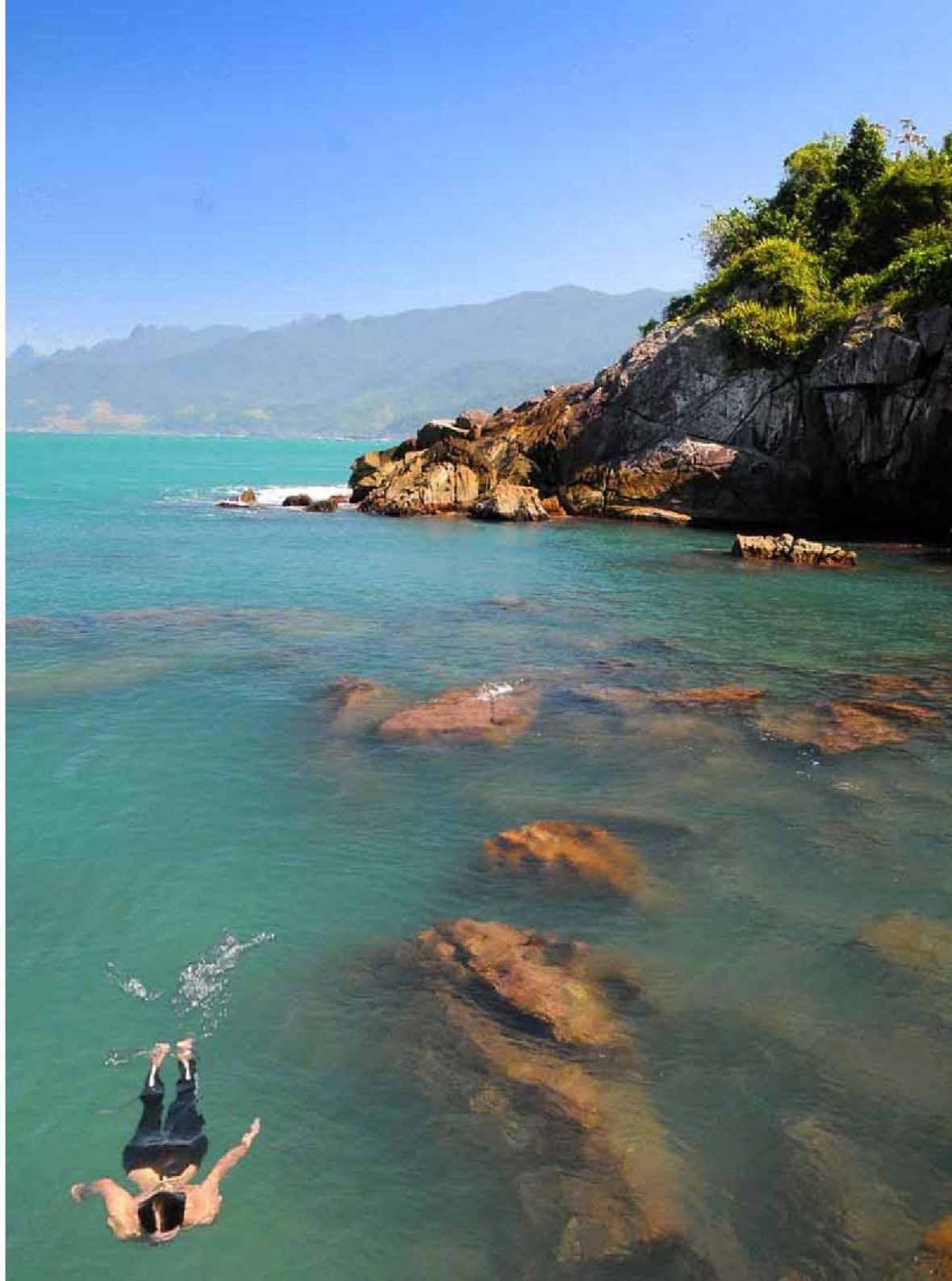
NONONONON

Henihit, occuptaspiti
restrum fuga. Nam eat et de
exceatibus doloriaectem volor
mi, sit quatius estist dem.
Epreperatur as mollaborum
dolum qui volora volor aut
parum id ex et minvenis ullaut

Contemplada por um regime favorável de ventos, Ilhabela é conhecida como a capital da vela, sendo sede do maior evento do iatismo da América Latina, a Semana Internacional da Vela. Além dessa vocação natural, a Ilha já é um roteiro consolidado e se transformou num dos destinos mais visitados do litoral paulista. Apesar do frenesi nas pequenas enseadas do litoral sul, a geografia desafiadora da Ilha teve o capricho de resguardar muitos refúgios intocados, por estarem isolados ou em lugares de difícil acesso. Para os interessados em exclusividade, acredite: ainda há lindas praias selvagens, poupadas do clássico turismo de verão.

Poucos destinos do País têm tantos atrativos naturais preservados como esta Ilha, mesmo estando no centro do eixo Rio - São Paulo, a apenas 200 km da capital paulista. Montanhas, praias, cachoeiras e muitas trilhas ocultam-se na mais exuberante e preservada faixa de Floresta Atlântica do estado. Junte-se a isso alguns vestígios de um passado alimentado por lendas e histórias quase míticas de piratas e naufrágios, sagas e muitos segredos, revelados apenas àqueles que se empenham em desvendar os incontáveis caminhos que cortam a mais bela e instigante Ilha do estado.

Com o intuito de desbravar algumas das mais preservadas paisagens do Parque Estadual da Ilhabela, que guarda 86% da Ilha, resolvemos encarar alguns caminhos longos, por vezes difíceis, mas todos surpreendentemente belos. Entre as inúmeras trilhas, destacamos a “Volta à Ilha”, uma das mais espetaculares travessias do estado, que deve ser incluída no Plano de Manejo do Parque, em breve. Outros atrativos que nos despertaram interesse foram os picos da Ilha, que também conta com uma altimetria favorável à prática do montanhismo. Em poucos quilômetros, o relevo à beira-mar apresenta um desnível abrupto de mais de mil metros de altitude, formando imensas montanhas que se debruçam no Atlântico. Algumas merecem destaque, como o majestoso Pico do Baepi e o Pico São Sebastião, um dos mais altos do litoral brasileiro, com imponentes 1.379 metros, de onde se avista a Baía das Enchovas, a Ponta do Boi e as lendárias ilhas de Búzios e Vitória, que complementam as 12 ilhas desse arquipélago mágico, quase irreal. Não é por menos que em um dos seus escritos no século 16, o expedicionário Américo Vespúcio se rendia aos encantos desse litoral: “Se na terra houvesse um paraíso, esse não estaria longe dali”.



VOLTA À ILHA

Nossa expedição começou do lado urbanizado da Ilha, perto da Ponta da Septubá, onde termina o asfalto e inicia a antiga trilha para a singela Vila de Bonete, uma comunidade de pescadores que fica do lado oceânico de Ilhabela. O caminho é relativamente tranquilo, quando não chove, é claro. Nele, cruzam-se três rios, que quando atingidos por fortes precipitações de água, adensam-se, isolando os turistas.

Em dias de sol, porém, a missão de cruzar a Ilha torna-se tranquila e pouco exigente! Na estrada bem marcada e larga seguimos, eu, o Alex Damico, da Ciribaí Ecoturismo e o André Queiroz, proprietário da Pousada Canto Bravo, rumo ao nosso primeiro destino. Para incrementar o roteiro, desviamos da rota para um costão íngreme e escarpado que o litoral acidentado criou entre as montanhas e, com a força das águas, foi escavada uma enorme reentrância que se afunila criando um pequeno fiorde, conhecido como Buraco do Caçã, que nos privilegiou com uma vista fabulosa. Logo, retomamos o caminho que contornava a encosta, por entre árvores frondosas e cursos de águas límpidas que corriam em direção ao mar. Os 15 km de trilha devem ser percorridos tranquilamente entre três e quatro horas, já que as piscinas naturais ao longo do caminho nos convidam a refrescantes banhos de cachoeira. Logo passamos a primeira cascata, conhecida como a da Laje, formada por um grande corredor de pedras, que termina em deliciosos poços de uma pureza ímpar. Mais adiante, cruzamos a Cachoeira do Areado e, do alto do costão, avistamos, enfim, a Praia do Bonete numa das visões mais surpreendentes de toda a jornada, onde o horizonte se alarga com uma vista primorosa do mar.

NONONO
Hillaudae exerfercia
et eaturis eum lam
que doluptatem
exerumeni re et
volupta tempore,
quibus volent ditios
est ut facium cor
sanderent etur sit
volupta sintur.





NONONO
Hillaudae exerfercia
et eaturis eum lam
que doluptatem
exerumeni re et
volupta tempore.
quibus volent ditios
est ut facium cor
sandent etur sit
volupta sintur.

BONETE

A bela vista nos faz apertar o passo para chegar à pequena praia formada por uma estreita faixa de areia branca e muito fina. Das 18 comunidades remanescentes na Ilha, o Bonete é a maior delas, mas nem por isso, menos autêntica. Esses rústicos recantos caiçaras que, de alguma maneira, estão isolados do centro mais urbano, carregam de forma mais intensa os hábitos do passado. Todas suas provisões chegam de barco, isto é, quando o mar permite.

O sul da Ilha é frequentemente atingido por ventos fortes e temíveis tormentas marítimas que desencorajam mesmo os marinheiros mais experientes. Suscetíveis às intempéries da natureza, os boneteiros, como são conhecidos, vivem à mercê do tempo. Foi no Bonete que entendi, pela primeira vez, o conceito de estar ilhado. Todo esse isolamento tem suas compensações, apesar da falta de asfalto e da luz elétrica ser minguada e restrita aos gera-

dores a diesel. À noite, o clima de rusticidade envolve o viajante. Os paredões das montanhas que cercam a praia emolduram um extravagante céu estrelado, que rompe a escuridão de forma lenta e desdenhosa, afinal, a natureza ainda é soberana por ali.

Após uma boa noite de sono, resolvemos explorar as redondezas na companhia do experiente guia alemão Jaroslav Turan, que viveu na Jugoslávia, onde foi major na guerra da Bósnia. Ele deixou para trás

os destroços da guerra para se dedicar aos pássaros da Mata Atlântica. Depois de viajar por vários lugares do mundo, resolveu se instalar, definitivamente, nas encostas do Bonete, onde trabalha como guia e com uma de suas paixões: o *birdwatching*, ou observação de aves. Jaro, como é conhecido, nos propôs seguir até uma cachoeira que acabara de descobrir. Após meia hora de caminhada, a partir da Pousada Canto Bravo, nos embrenhamos na mata fecha-



NONONO
Hillaudae exerfercia
et eaturis eum lam
que doluptatem
exerumeni re et
volupta tempore,
quibus volent ditios
est ut facium cor
sangent etur sit
volupta sintur,



da e seguimos descendo o curso do rio em busca dessa nova descoberta. Contornamos o precipício que bordejava a queda e logo avistamos uma esplendorosa cascata com cerca de 40 metros, saltando em queda livre sobre o afloramento rochoso adornado por musgos e pequenas orquídeas que destoavam do verde insistente da mata. Os raios de sol penetravam na copa das árvores formando feixes de luz sobre a cascata, num espetáculo natural muito peculiar. Se ainda existem destinos intocados no estado, boa parte se encontra no litoral norte.

PRAIAS DESERTAS

De Bonete, a proposta era seguir até a cênica Praia de Castelhanos, que já foi elencada entre as 10 mais bonitas do Brasil. A antiga trilha, com cerca de 18 km, foi remarcada recentemente, entretanto, a presença de um guia é indispensável, pois a mata é muito fechada. Começamos a caminhada pela praia e logo atravessamos o plácido Rio Nema, que serve de abrigo às típicas canoas caiçaras e, com suas águas translúcidas, abre caminho pelas areias da praia desaguando calmamente no mar esverdeado. Começamos a subida do mirante e, após uma inevitável pausa para a contemplação, seguimos para a Praia das Enchovas. O caminho transcorreu tranquilo até a linda praia de Indaiaúba, ocupada estranhamente por construções suntuosas que destoam da simplicidade natural do lugar. A partir de lá, inicia-se uma longa subida em direção a um escarpado íngreme formado por um espigão que corta a Ilha no sentido sudeste, em direção à Ponta do Boi. Apesar da declividade considerável, chegamos ao alto da serra em meio a uma flora exuberante na floresta adensada que se impunha num caminho intrincado, mas a trilha visível não nos deixava dúvidas. Logo, começamos descer rumo à Praia Vermelha. A partir dali, pisariamos na face leste da Ilha. Pouco antes de chegar à Praia, fomos surpreendidos por placas que desviavam o caminho para Castelhanos. Se a proposta era passar por todas as praias, qual o sentido de cortarmos por fora? Insistimos no caminho e logo soubemos que o suposto “proprietário” da área não gostava que os visitantes passassem na Praia Vermelha. Amparados pela lei, seguimos, já que as praias são propriedade do Estado; elas não podem ser consideradas propriedades privadas, embora muitos moradores da Ilha desconheçam a premissa. Apesar das ameaças dos cachorros que “guardavam” a praia, atravessamos a pequena vila da Praia Mansa e, no final do dia, chegamos, enfim, na Praia de Castelhanos.



PRAIA DA FIGUEIRA

Recompostos pelo descanso da noite, resolvemos mudar a rota e retroceder no mapa para conhecer a Praia da Figueira, uma das mais belas e isoladas da Ilha. Após algumas horas de caminhada sob um sol causticante, chegamos à Praia que, de certa forma, se mantém em seu estado original. A pequena praia e o mar verdejante contrastavam com a singeleza das poucas casinhas caiçaras e a simpatia dos moradores, que subtraem do mar a fartura que a natureza lhes oferece. O tempo ali corria lento e não parecia ser determinado pela rigidez dos ponteiros do relógio. Regressamos pelo mesmo caminho e, do alto da encosta, no Morro da Figueira, avistamos novamente a Baía de Castelhanos,

que testemunhou um dos períodos mais significativos da pirataria na costa brasileira. A vista impressionante nos fazia imaginar as caravelas dos piratas, que no século 16 deixaram ali, naquela baía, suas marcas.

PRAIA DE CASTELHANOS

Em mais de 500 anos, pouca coisa mudou. A natureza que cerca a Praia de Castelhanos ainda é exuberante e, após algumas poucas intervenções, permanece com as mesmas características primitivas de quando foi encontrada no século 16. As histórias se misturam a lendas, criando uma atmosfera ainda mais fascinante e misteriosa. Nas areias da praia existe uma antiga nau enterrada que, vez ou outra, é escavada pela resaca do mar e reaparece. Existem histórias que

NONONO
Hillaudae exerfercia
et eaturis eum lam
que doluptatem
exerumeni re et
volupta tempore,
quibus volent ditios
est ut facium cor
sangent etur sit
volupta sintur,

parecem ter saído de contos de fadas. Vanderlei dos Santos Valério, o Alemão, proprietário de um restaurante e de uma pequena pousada de frente pra praia, nos contou que sua bisavó, Maria Paula, foi encontrada no século passado, por pescadores, desacordada naquelas areias, vítima de um naufrágio. Na época, com cerca de cinco anos, supostamente de origem europeia pelas características físicas, foi criada por uma família caçara e, já adulta, casou-se com seu bisavô, construindo ali, na Praia de Castelhanos, a história de sua família.

Apesar da tranquilidade e da beleza do “quintal”, os moradores de Castelhanos colecionam algumas reclamações em relação ao descaso por esse pedacinho de “paraíso”. As más condições da estrada que dá acesso à Praia é uma delas. Fadada ao abandono, a rota que liga Castelhanos ao centro da Ilha passa praticamente o ano todo intransitável para veículos sem tração nas quatro rodas. Os perrengues celebrados pelos amantes do *off road* limitam o acesso à maioria das pessoas, inclusive moradores. Outro problema sério é a especulação imobiliária (ver box).

NONONO
Hillaudae exerfercia
et eaturis eum lam
que doluptatem
exerumeni re et
volupta tempore,
quibus volent ditios
est ut facium cor
sandenit etur sit
volupta sintur.

CASTELHANOS - SERRARIA

No total, a Ilha concentra cerca de 400 cachoeiras, incluindo uma com mais de 200 metros, descoberta recentemente, que ainda não foi catalogada. Voltando à trilha, que, a partir de Castelhanos se torna um desafio pra lá de ousado, nos embrenhamos no lado mais selvagem da travessia, para chegar até recantos que só podem ser alcançados a pé ou pelo mar. A série de costões e pequenas baías isoladas seguem lançando o caminho para o alto da encosta e pela mata fechada. A perneira anticobra é um equipamento obrigatório. Nas primeiras horas do dia, contabilizamos três jararacas no meio da trilha. O caminho por entre taquarais impenetráveis só podia ser aberto a golpes de facão, portanto, tivemos que manter a disciplina de um cronograma enxuto para aliviar as volumosas cargueiras, sobretudo para esgueirarmos dos obstáculos naturais compostos por emaranhados de cipós, raízes eriçadas de espinhos e troncos de árvores cortantes, que forjavam um cenário intrincado, quase irreal. Alguns caminhos de caçadores desviavam a



NONONO
Hillaudae exerfercia
et eaturis eum lam
que doluptatem
exerumeni re et
volupta tempore,
quibus volent ditios
est ut facium cor
sandenit etur sit
volupta sintur.

apagada trilha, tornando a jornada um verdadeiro martírio. Após 12 horas de caminhada, varando imensos campos de taquaruçu, procurávamos um filete d’água para reestabelecer os ânimos. Quando a noite chegava para nos surpreender, encontramos um cano d’água que nos levaria, enfim, a uma casinha. Chegamos à Praia do Guanxuma às oito da noite e, de lá, seguimos para a Praia da Caveira, onde acampamos exaustos.

PRAIA DA CAVEIRA

A Praia foi batizada assim após o naufrágio do vapor espanhol Príncipe das Astúrias, em 1916. O número oficial de vítimas foi de 477, mas estima-se que as mortes ultrapassaram a marca de mil nomes, pois o luxuoso transatlântico carregava em seus porões, refugiados da Primeira Guerra Mundial. Centenas de corpos foram lançados na Caveira, por ser uma Praia de refluxo, e acabaram sendo enterrados por ali mesmo, pelos moradores locais. Os mais místicos dizem que a praia é assombrada e, às vezes, o movimento constante da maré trás à superfície alguns esqueletos. As histórias de assombrações acabaram tornando a Praia completamente deserta. É a única faixa de areia em que não mora ninguém, abrigando apenas um cemitério de navios, o maior da costa brasileira, com 21 naufrágios contabilizados. Segundo os marinheiros, no

ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA, GRILAGEM E DESRESPEITO À LEI

Um grave problema do litoral brasileiro, especialmente do litoral sudeste, é a pressão da especulação imobiliária que segue destruindo incríveis paraísos naturais, apesar da legislação que inclui reservas legais, muitas totalmente tomadas, graças à corrupção, ao descaso e à má-fé de alguns empreendedores da construção civil. Em Castelhanos há vários loteamentos que foram vendidos ilegalmente ao longo das décadas, desde o final dos anos 60. Até hoje, vez ou outra, algum grileiro aparece na praia para reclamar "suas" terras, mesmo em áreas de reserva legal, que em geral, só são liberadas para moradores caiçaras. Ainda assim, é muito comum a retirada pela força e as ameaças de morte não são raras. Na Praia Vermelha, o velho pescador Pedro Rafael saiu da beira da praia após a construção de uma casa de veraneio. O pescador vivia na praia desde que nasceu

e vinha herdando o terreno dos seus antepassados. Ele garante que nunca vendeu aquele pedaço de terra a ninguém. O comprador reluta argumentando ter a documentação - de origem duvidosa - e ameaça a retirada dos caiçaras. E essa é uma profecia quase certa. O Sr. Pedro Rafael, por sua vez, teve que ir ao fórum da capital para se defender. Essa foi a única vez que ele saiu de perto do mar, de onde sempre tirou seu sustento, conta. Casos como esse são comuns nessa faixa do litoral. Além disso, há muitas pessoas que construíram grandes mansões à beira-mar e que acreditam terem "posse" da praia, ou seja, da faixa de areia que dá acesso ao mar; elas colocam placas de "praia particular", o que não existe, segundo a legislação federal. Em função da proibição desse tipo de placa, algumas usam cães bravos para espantar os visitantes do acesso público ao mar.

"Se na terra houvesse um paraíso, esse não estaria longe dali"

Américo Vespúcio, expedicionário



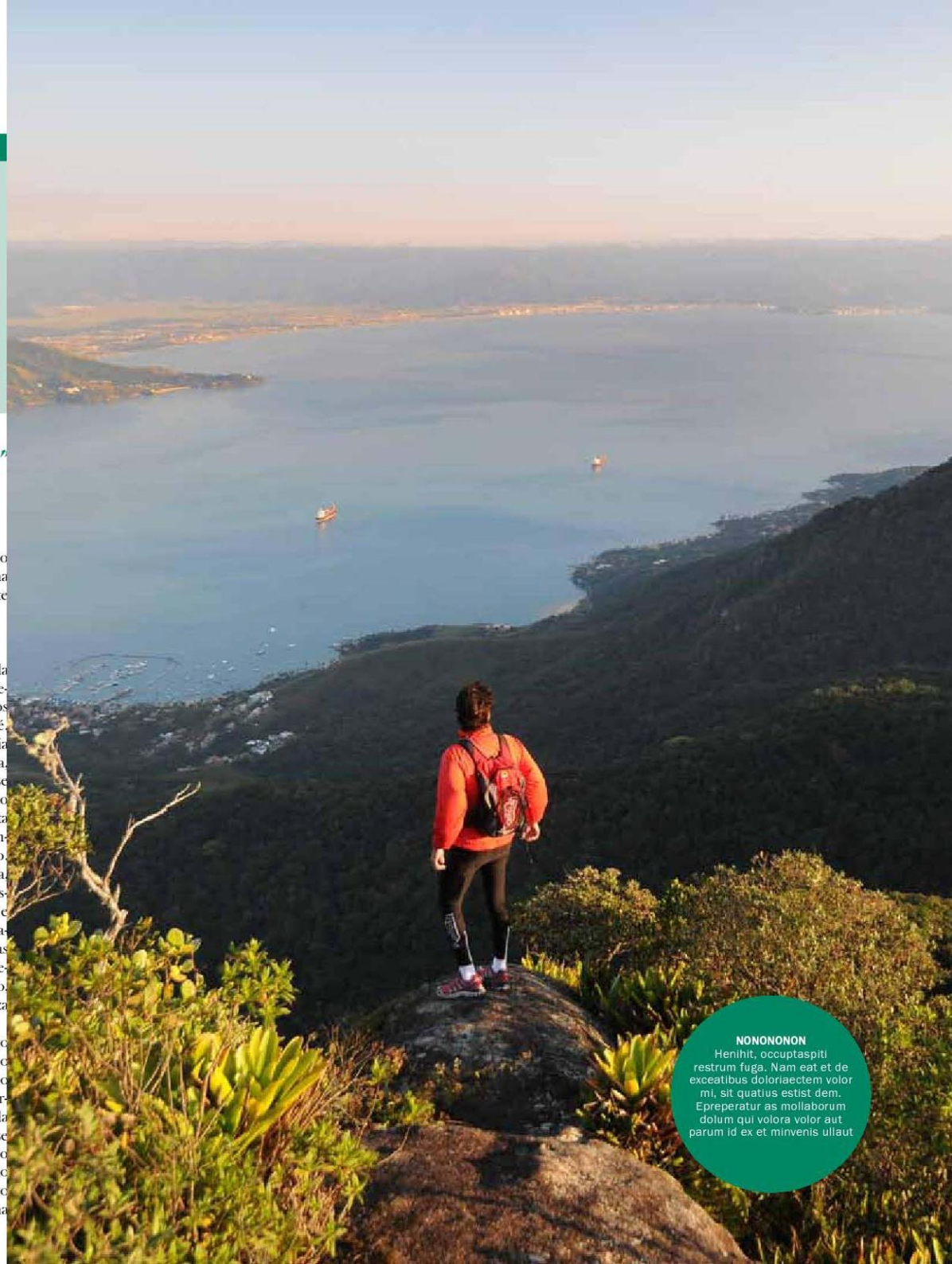
NONONO
Hillaudae exerfercia
et eaturis eum lam
que doluptatem
exerumeni re et
volupta tempore,
quibus volent ditios
est ut facium eor
saudent etur sit
volupta sintur.

entorno da Ilha as bússolas sofrem algum tipo de intervenção magnética o que, de alguma forma, alimenta ainda mais esse ambiente sombrio e igualmente fascinante.

PRAIA DA SERRARIA

Logo pela manhã, fomos acordados pela chuva forte. Desmontamos as barracas e seguimos a trilha. Ao chegar à Serraria, fomos fortemente desaconselhados a seguir a pé. Nenhum morador sabia o caminho até a Praia do Poço. A trilha estava totalmente fechada, fazia anos que ninguém se atrevia por esse lado. Caminhar por essas bandas em baixo de um temporal, sem um GPS e uma carta topográfica, soava como uma jornada inconsequente; a partir dali, seguimos de barco. Da Praia do Poço até a Praia de Jabaquara, existe um caminho bem aberto utilizado desde a época dos grandes engenhos de pinga e açúcar, do século 19. Até hoje, os antigos casarões das fazendas que pertenceram a famílias de posses, exibem em suas fachadas a arquitetura ostensiva dos tempos áureos. Entretanto, a maior riqueza da Ilha ainda está na natureza surpreendentemente bela.

A partir de Jabaquara encontramos o asfalto e, de lá, até o ponto de partida. Fechamos o ciclo em poucas horas atravessando o trecho urbano da Ilha de bicicleta, até o ponto de partida. Essa volta ainda não pode ser explorada como produto turístico, no entanto, discute-se a inclusão da mesma no Plano de Manejo do Parque, já que a ideia é associar a preservação dessa riqueza incalculável ao desenvolvimento econômico local, sem que a população tenha que extrair seus recursos naturais.



NONONONON
Henihit, occuptaspi
restrum fuga. Nam eat et de
exceatibus doloriaectem volor
mi, sit quatius estist dem.
Epreperatur as mollaborum
dolum qui volora volor aut
parum id ex et minvenis ullaut